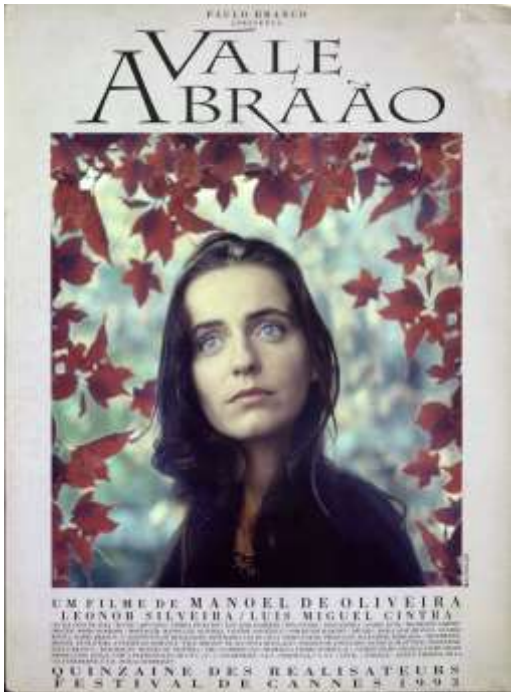
FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 23 DE JANEIRO, DE 2023 - 21H30



"Vale Abraão", de Manoel de Oliveira

Realização: Manoel de Oliveira; Assistente de realização: José Maria Vaz da Silva, António Sequeira Lopes; Script: Júlia Buisel; Argumento: Manoel de Oliveira a partir da obra de Agustina Bessa-Luís; Texto da homilia de casamento: padre João Marques; Direcção de fotografia: Mário Barroso; Decoração: Zé Branco; Adereços: Ana Vaz da Silva; Assistente de decoração: Fernando Pinto; Guarda-roupa: Isabel Branco ; Assistente de guarda-roupa: Rosa de Almeida Lima; Maquilhagem: Michelle Bernet; Montagem: Manoel de Oliveira, Valérie Loiseleux; Assistente de montagem: Pascale Charolais; Som: Henri Maïkoff; Montagem de som: Jean-Christophe Winding, Bruitage: Marie-Jeanne Wyckmans; Pré-misturas: Thierry Delor; Misturas: Hans Künzi; Produção: Paulo Branco; Administração de produção: Luísa Perestrello, Elisabeth Bocquet; Direcção de produção: Alexandre Barradas; Direcção de produção na Suiça: Patricia Plattner

Com Leonor Silveira (Ema), Cecile Sanz de Alba (Ema jovem dobrada por Beatriz Batarda), Luís Miguel Cintra (Carlos Paiva), Rui de Carvalho (Paulino Cardeano), Luís Lima Barreto (Pedro Lumiares), Micheline Larpin (Simona dobrada por Teresa Madruga), Diogo Dória (Fernando Osório), José Pinto (Caires), Filipe Cochofel (Fortunato), João Perry (Pedro Dossem), Glória de Matos (Maria do Loreto), António Reis (Semblano), Isabel Ruth (Ritinha), Dina Treno (Branca), Dalila Carmo (Marina), Paula Seabra (Alice), Vanda Fernandes (Lolota criança), Sofia Alves (Lolota menina), Leonor Viseu (Luisona criança), Beatriz Batarda (Luisona menina), Isabel de Castro (Mana Melo 1), Júlia Buisel (Mana Melo 2), Laura Soveral (tia Augusta), António Wagner (Baltasar), Argentina Rocha (1ª mulher de Carlos), Nuno Vieira de Almeida (Nelson), Juliana Samarine (mulher de Nelson), Josefina Ungaro (mãe de Nelson), Fernando Bento (dr. Carmesim), Monique Dodd (Chélinha dobrada por Eunice de Almeida), Manuel Enes (Homero), Miguel Guilherme (motociclista), Ana Queirós (Paivoa 1), Mercedes Brawand (Paivoa 2 dobrada por Alina Candeias), David Cardoso (jardineiro), António Vaz Mendes (rapazola 1), Rui Oliveira (rapazola 2), Joaquim Nogueira (Narciso), Lurdes Rocha (costureira), Marques Arede (padre 1), padre Pires (padre 2), Mário Barroso (voz OFF)

Duração: 187 minutos; Estreia: 15 de Outubro de 1993

“Vale Abraão”, de Manoel de Oliveira

Manoel de Oliveira chegou a Agustina Bessa-Luís por via de Camilo Castelo Branco, no projecto que realizou três anos depois da consagração ainda hoje difamada e deserdada do seu Amor de Perdição, filme demencial e inclassificável em que a fidelidade absoluta à palavra escrita gerava imagens e mundos novos que as transcendiam e transformavam em cinema. O projecto chamou-se Francisca e era uma adaptação de Fanny Owen, romance de Agustina publicado em 1979. Contava a estória dos estranhos amores de José Augusto e a inglesa Fanny Owen, também descritos nas páginas redigidas a sangue de Camilo, que é personagem tanto no romance como no filme. Daí em diante, Agustina escreveu diálogos para Party e para Visita ou Memórias e Confissões (filmado em 1982 mas estreado apenas depois da morte do realizador, por sua vontade), tendo Oliveira adaptado mais alguns dos seus livros e histórias, como As Terras do Risco (em O Convento), A Mãe de um Rio (em Inquietude), Jóia de Família (em O Princípio da Incerteza), A Alma dos Ricos (em Espelho Mágico) e, claro, Vale Abraão (no filme homónimo).

Esta colaboração nascida por interesses, temas e obsessões comuns foi muito mistificada tanto pela parte do cineasta como da romancista, ao longo dos anos, podendo-se às vezes apenas supor como terão começado alguns dos seus projectos a dois. Sabe-se que houve colaborações frustradas, como O Convento. A romancista amarantina estava a demorar demasiado tempo a escrever para as necessidades imediatas e muito cinematográficas do cineasta portuense e este pediu que ela lhe resumisse a estória, escrevendo ele próprio o guião. Agustina não gostou nada do resultado e não quis ter nada que ver com esse filme. Fizeram as pazes com Party, para o qual a romancista escreveu os diálogos. Sabe-se que apesar de tudo aquilo que os aproximava, seguiam sempre em direcções diferentes. Alimentavam-se das ideias um do outro, podendo estar pronto primeiro o livro dela ou o filme dele, servindo-se mutuamente durante o processo de gestação. Sem nos alongarmos demasiado nestas questões, e também porque gostamos de algum mistério, damos a palavra a Manoel de Oliveira, conciso e prosaico como todos os homens do século XX: “Agustina fez o seu livro e eu fiz o meu filme.”

Vale Abraão, o filme, continua a ser a enorme maravilha que sempre foi, um espelho encantado dos nossos sonhos, ilusões, desejos e angústias, revelação de um dos mais belos rostos femininos de toda a história do cinema, compêndio de elipses cósmicas urdidas por um rio que corre e que fica, como o passado vivo que não passa de William Faulkner, épico sobre as prisões do amor e as liberdades do desejo, sobre a impossibilidade de dois serem um na comunhão espiritual do ser andrógino fundador de Platão, com planos estranhos de lavadeiras a rasgar uma estrada ladeada por

palmeiras, Isabel Ruth a esmagar roupa húmida na pedra como se o fizesse desde o início dos tempos, Isabel de Castro a aparecer para fumar um cigarro pelo tempo que se demora a fumar um cigarro, e o rio corre e não passa, ouve-se o ranger de tábuas de madeira no chão ao mais fino toque dos pés como um som levemente familiar e que reaviva memórias felizes ou dolorosas, olha-se para as coisas e elas surgem noutros planos com outros significados ao som de uma voz que se confunde com o próprio pensamento, em fluxo de consciência, melodias lunares e árias solares que acompanham as elevações e os abismos da alma, apontamentos sobre a decadência da aristocracia, o fim dos tempos e a fibra dos homens, proferidos em conversas que se prolongam pela noite fora, passeios à luz das velas por corredores sombrios à espera que se abra uma porta com uma pequena redenção, a classe alta e a classe baixa, os entendimentos tácitos que impedem que o equilíbrio desabe num ímpeto justo e apaixonado, a candura no gesto de uma mulher que sai do carro a coxear para ir colher uma flor e entregá-la à pessoa de quem mais gostou em vida antes de se atirar aos braços da morte, para o leito de um rio que até aí observou tudo sem fazer julgamentos e no final lhe servirá de morada eterna, como para todos os românticos que almejaram um dia a felicidade absoluta e o regresso a um paraíso perdido de que ouviram rumores por instantes numa ida ao Vesúvio, talvez a única forma de fazer com que certas coisas passem mesmo e se tornem passado ausente nas margens íngremes e sedutoras do Vale de Abraão.

João Palhares

6de Julho de 2021, CineClube de Braga

Longas Metragens de Manoel de Oliveira

“Aniki-Bobó” (1942); “Acto da Primavera” (1963); “O Passado e o Presente” (1972); “Benilde ou a Virgem Mãe” (1974); “Amor de Perdição” (1979); “Francisca” (1981); “Le Soulier de Satin” (1985); “O Meu Caso” (1986); “Os Canibais” (1988); “Non, ou a Vã Glória de Mandar” (1990); “A Divina Comédia” (1991); “O Dia do Desespero” (1992); “Vale Abraão” (1993); “A Caixa” (1994); “O Convento” (1995); “Party” (1996); “Viagem ao Princípio do Mundo” (1997); “Inquietude” (1998); “A Carta” (1999); “Palavra e Utopia” (2000); “Porto da Minha Infância” (2000); “Vou para Casa” (2001); “O Princípio da Incerteza” (2002); “Um Filme Falado” (2003); “O Quinto Império - Ontem Como Hoje” (2004); “Espelho Mágico” (2005); “Belle Toujours” (2006); “Cristóvão Colombo – O Enigma” (2007); “Singularidades de uma Rapariga Loura” (2009); “O Estranho Caso de Angélica” (2010); “O Gebo e a Sombra” (2012)